

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-293-7

DOI 10.22533/at.ed.937192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 2º volume, reuni o total de 24 artigos que dialogam com o leitor sobre temas que envolvem direito e educação, direito social, currículo escolar, desafios gerenciais, gestão de segurança, trabalho e saúde, relatos de experiência, tecnologias, homofobia, educação especial e “jovens rurais”. São temas diversos que propõe um olhar mais amplo dentro das possibilidades das Ciências Sociais Aplicadas.

Assim fechamos este 2º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL À LUZ DA NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA ÚNICO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Elisa Maria Andrade Brisola Edna Maria Querido de Oliveira Chamon	
DOI 10.22533/at.ed.9371926041	
CAPÍTULO 2	21
A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DE MENINAS NA PERSPECTIVA DE MARY DASCOMB	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.9371926042	
CAPÍTULO 3	34
A PROMOÇÃO DO DIREITO SOCIAL À EDUCAÇÃO DECOLONIAL PELA ESCOLA DE SAMBA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS NO DESFILE DE 2018: CRÍTICA LITERÁRIA E SOCIAL	
Aline Lourenço de Ornel Andreia Lourenço de Ornel	
DOI 10.22533/at.ed.9371926043	
CAPÍTULO 4	49
APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO E O CURRÍCULO ESCOLAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9371926044	
CAPÍTULO 5	61
CAPITAL INTELECTUAL COMO FATOR PARA OBTENÇÃO DE VANTAGENS COMPETITIVAS	
Danilson Costa do Nascimento Gilson Scholl Pires	
DOI 10.22533/at.ed.9371926045	
CAPÍTULO 6	69
CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA	
Kátia Batista Martins Julia Salido Alves Paula Negreiros de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.9371926046	
CAPÍTULO 7	81
DESAFIOS GERENCIAIS DO SISTEMA DE SAÚDE DA MARINHA CONSIDERANDO O NOVO REGIME FISCAL, O AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA E A VARIAÇÃO DE CUSTOS MÉDICO-HOSPITALARES	
Jefferson Davi Ferreira dos Santos Murilo Mac Cord Medina	
DOI 10.22533/at.ed.9371926047	

CAPÍTULO 8	100
DESCOBRINDO A SI MESMO: COMO A IMAGEM CORPORAL CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA?	
Camila Ribeiro Menotti	
DOI 10.22533/at.ed.9371926048	
CAPÍTULO 9	106
EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM PORTUGAL: ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SUAS AÇÕES	
Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
Teresa Vilaça	
DOI 10.22533/at.ed.9371926049	
CAPÍTULO 10	120
FERRAMENTAS E TÉCNICAS DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS APLICADAS NA GESTÃO DA SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	
Ana Lúcia Andrade Tomich Ottoni	
Altamir Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260410	
CAPÍTULO 11	138
GENERIFICAÇÃO PATRIARCAL: DISTINÇÃO E GÊNESE SÓCIO-HISTÓRICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ana Tereza da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260411	
CAPÍTULO 12	154
JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Roseane de Aguiar Lisboa Narciso	
DOI 10.22533/at.ed.93719260412	
CAPÍTULO 13	166
O CONSUMO DE STATUS E SUA RELAÇÃO COM A FELICIDADE SOB A ÓTICA DE ALUNOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Alexandre Cappellozza	
Glauco Carvalho Campos	
Maria da Conceição Medeiros	
Raquel Teixeira Vianna de Paula	
Rogério Teixeira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93719260413	
CAPÍTULO 14	179
O CUIDADO INDIVIDUALIZADO AO PACIENTE HOMOSSEXUAL PORTADOR DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Alexia Camargo Knapp de Moura	
Juliana de Paula Teixeira	
Karen Domingues Gonzales	
Lílian Moura de Lima Spagnolo	
DOI 10.22533/at.ed.93719260414	

CAPÍTULO 15	194
O IMPACTO DA GESTÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO NA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	
Paula Zanforlin Camargo	
Ana Beatriz Pereira	
Eliane Cristina de Antonio	
DOI 10.22533/at.ed.93719260415	
CAPÍTULO 16	200
O SILENCIAMENTO DA ESCOLA FRENTE A HOMOFOBIA	
Helder Júnio de Souza	
Adla Betsaida Martins Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260416	
CAPÍTULO 17	213
REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICO-PARTICIPATIVA NA ESCOLA PÚBLICA	
Andrea Oliveira D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.93719260417	
CAPÍTULO 18	223
REFLEXÕES SOBRE CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.93719260418	
CAPÍTULO 19	228
ROUSSEAU: A CUMPLICIDADE ENTRE NATUREZA E PATRIARCADO NA EDUCAÇÃO DE SOFIA	
Letícia Machado Spinelli	
DOI 10.22533/at.ed.93719260419	
CAPÍTULO 20	240
TECNOLOGIAS MÓVEIS: OS IMPACTOS NA INTERAÇÃO SOCIAL E NO PROCESSO COMUNICACIONAL	
Briza Martins	
Guilherme Juliani de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.93719260420	
CAPÍTULO 21	252
TRANSFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA COM O USO DA SOFT SYSTEM METHODOLOGY (SSM): RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Patricia Rodrigues Miziara Papa	
Valéria Tomas de Aquino Paracchini	
Dyjalma Antonio Bassoli	
Thiago Henrique de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260421	
CAPÍTULO 22	268
UM MODELO TÁTIL DA TABELA PERIÓDICA: O ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS NUM CONTEXTO INCLUSIVO	
Sandra Franco-Patrocínio	
Jomara Mendes Fernandes	
Ivoni Freitas-Reis	
DOI 10.22533/at.ed.93719260422	

CAPÍTULO 23	278
UMA EXPERIENCIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE FACULDADE DE TECNOLOGIA E EMPRESA GERANDO PROJETOS DE MELHORIA NA FORMAÇÃO DO TECNOLOGO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho Luciano José Dantas Fabio Conte Elaine Cristine de Souza Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.93719260423	
CAPÍTULO 24	288
VISIBILIDADE DE JOVENS RURAIS: “ACREDITO É NA RAPAZIADA”	
Ana Maria do Nascimento Ercília Maria Braga de Olinda	
DOI 10.22533/at.ed.93719260424	
CAPÍTULO 25	303
O CONTRABANDO DE CIGARROS NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Amanda Caroline Schallenberger Schaurich Andressa Braga da Silva Graziele Aparecida Carneiro Wille Lucimara Fátima de Macedo Savitraz Carla Liliane Waldow Esquivel	
DOI 10.22533/at.ed.93719260425	
SOBRE O ORGANIZADOR	307

A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DE MENINAS NA PERSPECTIVA DE MARY DASCOMB

Jamilly Nicácio Nicolete

Centro Universitário Toledo de Ensino e

Fundação Educacional de Penápolis – FUNEPE

Araçatuba-Penápolis/SP

RESUMO: A presença de professores e professoras de diferentes nacionalidades no Brasil oitocentista prestou particular contribuição à educação no País, qual seja, a reconsideração do lugar da mulher da sociedade. Mary Parker Dascomb, missionária, educadora, Mestre em Artes em 1878, uma mulher. Participou ativamente da vida pública da Igreja Presbiteriana de Curitiba e da Escola Americana de Curitiba, instituições que representava através de sua formação e exercício profissional. O recontar de sua trajetória, de mulher que permaneceu solteira, imigrante de destaque, pois era norte-americana, mostra um discurso não reivindicante, embora privilegiado. Do ponto de vista da história cultural e dos estudos de gênero e através da análise de cartas que Miss Dascomb trocava com o também educador e diretor do Mackenzie em São Paulo, Horace Lane, buscou-se revelar aspectos de sua vida pública e pessoal neste artigo, notadamente a educação de meninas, que é seu principal escopo acadêmico-científico.

PALAVRAS-CHAVES: educação de meninas; Mary Dascomb; mulheres professoras.

1 | INTRODUÇÃO

A presença feminina no magistério no Brasil, apesar de determinante nos rumos tomados pela profissão ao longo das décadas em que esta se alicerçou no panorama educacional do País, ainda não tem sido prioridade nos estudos sobre gênero e educação. Isso certamente reflete a sistemática de exclusão do sexo feminino nas várias instâncias do mundo social e do trabalho.

A profissão professora, a princípio ideologicamente erigida como dever sagrado e sacerdócio por conta da tradição religiosa do ato de ensinar, tornou-se, já na segunda metade do século XX, uma profissão definitivamente feminizada e as mulheres professoras tiveram em suas mãos a responsabilidade de ensinar crianças desde seus primeiros anos escolares num País que acabara de promulgar a sua terceira Lei de Diretrizes e Bases e instituir a Década Nacional da Educação.

Esse trabalho situa-se no âmbito de uma investigação histórica acerca do discurso, nem sempre coerente, de uma pessoa compreendida sob múltiplas perspectivas de análise – mulher, branca, solteira, sem filhos, educadora, missionária, gestora, norte-americana –, concernente a educação de meninos e, em especial, de meninas. É um texto baseado na

perspectiva essencialmente feminina sobre o espaço e o tempo escolares.

Miss Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York para trabalhar especificamente no projeto educacional da organização, cumprindo a promessa de abrir ao lado de cada igreja uma escola. Ela passou sua infância e mocidade em Oberlin, Ohio. Já no Brasil, foi a primeira diretora do Mackenzie, então Escola Americana de São Paulo, em 1871. Seu trabalho na obra educacional presbiteriana teve início em 1869, aos seus 27 anos, e se estendeu até sua morte, em 1917; aliás, período este inegavelmente marcado por intensas transformações políticas, sociais, econômicas e, também, no campo educacional.

As principais mudanças passam, inclusive, pelo fim da monarquia, o fim do trabalho escravo e o início do trabalho livre e assalariado, participação do capital estrangeiro na economia nacional, tanto inglês como norte-americano, as imigrações e a intensa circulação de novas tendências de pensamento: positivismo, industrialismo, ruralismo (HILSDORF, 2003).

A bem da arguta investigação histórica do perfil da escola e da educação de meninas na perspectiva de Mary Dascomb, os estudos culturais e de gênero são referenciais teóricos apropriados e idôneos. A história, ademais, como expõe Certeau (1982, p. 64), é um discurso que produz enunciados “científicos”, definindo-se com esse termo a “possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitam ‘controlar’ operações proporcionadas à produção de objetos determinados”.

Todas as palavras dessa citação, segundo Chartier (2010), são importantes: “produção de objetos determinados” remete à construção do objeto histórico pelo historiador, já que o passado nunca é um objeto que já está ali; “operações” designa as práticas próprias da tarefa do historiador (recorte e processamento das fontes, mobilização de técnicas de análise específicas, construção de hipótese, procedimentos de verificação); “regras” e “controles” inscrevem a história em um regime de saber compartilhado, definido por critérios de prova dotados de uma validade universal.

Certeau (1994, p. 31) afirma que o “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”.

O aludido autor ressaí que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que ele chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Se pensamento converge para a crença nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada indivíduo procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a

violência das coisas.

Ao delinear os papéis centrais da mulher e das relações de gênero para a definição de um ideário nacional na América Espanhola, o trabalho de Stolke (2006), por exemplo, respeitadas especificidades do contexto histórico, viabiliza uma reflexão do caso brasileiro, já que podem ser verificadas semelhanças entre este e aquela, ao passo que também possibilita pensar o futuro do País.

Alvarez (2004) entende, por sua vez, que as relações desiguais de poder entre homens e mulheres se manifestam em um sem-número de espaços e processos cotidianos ditos privados, sociais e culturais, econômicos, sexuais, etc. Segundo a autora, esses espaços precisam ser entendidos como políticos – espaços e processos onde as relações desiguais de poder entre os gêneros, classes sociais, grupos étnico-raciais etc. constroem-se, mantêm-se, (re)configuram-se, e, além disso, onde tais relações têm sido contestadas ou desafiadas historicamente.

As relações de gênero, aponta Alvarez (2004), são hierárquicas e caracterizam-se pelo poder exercido pelos homens sobre as mulheres, implicando, assim, na formação de uma nova correlação de forças antagonista decorrente da auto-organização das mulheres e que lhes é mais favorável. Em meio a isto, Mary Dascomb, uma mulher oitocentista, destoou do que se esperava para as mulheres de sua época e ocupou lugar de destaque e liderança, especialmente por manter-se inupta quando lhe era expectável que contraísse matrimônio, por exemplo.

Os conceitos de gênero, como entende Scott (1991), estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Carvalho (1998), oportunamente, afirma que gênero não é um conceito que descreve as relações entre homens e mulheres, mas uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizada na compreensão de todo o universo observável, incluindo as relações sociais e, máxime, as relações entre homens e mulheres.

A escola para meninas gerida pelos norte-americanos oferecia uma nova organização do espaço e do tempo escolares, com cursos seriados, distribuídos em oito anos letivos, precedidos de matrícula e encerrado com exames públicos. As alunas eram agrupadas em classes, segundo as idades e o estágio dos estudos, em contraste com as demais escolas que, muitas vezes, reuniam em salas únicas, meninas de 4 a 16 anos. Ao invés de bancos, carteiras duplas, de modelo e procedência estadunidense, bem como a aplicação do método intuitivo, que propunha lições curtas e graduadas. À disposição dos professores estava uma completa utensilagem que incluía campanhas elétricas, quadros negros, mapas, cartazes, microscópios e toda a aparelhagem dos laboratórios de ciências exatas, físicas e naturais (HILSDORF, 2002, p. 97).

A propósito, Mesquida (1994, p. 49) destaca que “era nesse novo espaço sociocultural atraente, sedutor, que se materializavam, pela prática educativa, a história, o modo de vida (o *american way of life*) e a concepção de mundo do país de origem dos missionários”. Hilsdorf (2002, p. 97) estudou tal modelo institucional

e afirma que a metodista Martha Watts era uma mulher sem marido, que praticava uma educação e instrução voltadas à ideologia liberal, permitindo em suas alunas “a completa evolução de seus poderes pessoais”.

Em uma carta escrita em 1906, Mary Dascomb demonstra a preferência por um ideal de beleza, por uma conduta feminina nos moldes cristãos e norte-americanos:

Eu esperava que você e Fanny dessem um pulo aqui por uma semana ou duas e eu os mostraria o quão diferente são os nossos jovens - o tipo que você espera que as meninas imitem. Somente uma, alemã gorda tem algo do mesmo preconceito de todas as pessoas infelizes em casos de amor. Ela é o máximo. (GOLDMAN, 1961, p. 313).

A partir do momento que se entende gênero como constituinte da identidade do sujeito, argumenta Louro (1997) que é deixado para trás o mero desempenho de papéis, a simples atuação daquilo que lhe é esperado. À vista disso, reconhece-se que a abordagem de gênero possibilitou a discussão das relações de poder entre homens e mulheres e explicitou a construção da desigualdade entre eles na história das sociedades ocidentais.

Em tempos atuais, o rompimento da dicotomia que destinava os homens ao domínio público e as mulheres ao domínio doméstico não esgotou a necessidade de se discutir as relações de gênero, já que as relações de poder são inerentes a elas e todas as relações sociais sofrem múltiplas e contínuas transformações ao longo da história.

2 | TRABALHO E EDUCAÇÃO

A Escola Americana Presbiteriana de Curitiba iniciou suas atividades como filial da Escola Americana Presbiteriana de São Paulo. No primeiro Relatório enviado à Missão, em 1892, os trabalhos foram descritos da seguinte forma: “Escola Americana – sita à Rua Comendador Araújo e fundada em 16 de janeiro de 1892, dirigida pelas professoras Mary Dascomb e Elmira Kuhl”.

Inicialmente, seguindo a organização da escola matriz de São Paulo, o trabalho no Paraná foi dividido em três níveis: Primário, Intermediário e Secundário. O primeiro semestre foi iniciado com a matrícula de 55 alunos, sendo 5 deles internos. No segundo semestre, a matrícula subiu para 70 alunos (RELATÓRIO, 1892).

Os colégios protestantes, salienta Nascimento (2005), atraíam os filhos dos republicanos e liberais, que apresentavam anseios de modernização. Tais instituições apresentaram cursos para todos os segmentos, desde o Jardim da Infância até o Curso Normal, onde professores eram preparados para exercerem o magistério. Quanto aos professores, a presença de pessoal especializado para o magistério desde o início das atividades escolares credenciava os colégios protestantes americanos quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho. Em particular, a vinda de “*schoolmarms*”, professoras missionárias diplomadas nos Estados Unidos e frequentemente com vários

anos de experiência no magistério público e particular, foi uma constante (HILSDORF, 1977).

A Escola Americana de Curitiba, de acordo com os relatórios analisados distinguia-se desde o mobiliário, procedente de Nova York:

Nossa mobília escolar vinda de Nova York, não chegou antes de novembro e está em uso há apenas três semanas. As salas agora ocupadas, acomodarão 100 alunos, 36 do Primário, 28 do Intermediário e 36 do secundário. O Internato acomodará três professores e 12 alunos (RELATORIO, 1892).

O Relatório de Instrução Pública do Estado do Paraná de 1894 aponta alguns problemas quanto à infraestrutura das instituições escolares da época:

Em todas as localidades é sensível a falta de prédios apropriados às escolas, construindo segundo os preceitos da hygiene aliada á esthetica, de maneira que a escola seja para a infancia uma especie de templo que lhe estimule o gosto para o estudo. Sobre as Mobílias e os Livros Escolares: As escolas publicas em geral achão-se mal providas de moveis, que ou são insufficientes, ou imprestáveis.

Na década de 1870, como frisa Hahner (2011), surgiu uma percepção da necessidade de reformas essenciais na organização da economia e do sistema político. Para os brasileiros que pregavam a modernização material do Brasil, a educação seria um elemento essencial para o desenvolvimento do País, e eles apoiaram melhoramentos na educação feminina. No entanto, a ênfase ficou na maternidade, a qual ligavam ao progresso e ao patriotismo.

No fim da década de 1870, a coeducação ganhou força, defendida com vários argumentos, inclusive o econômico. Segundo Hahner (*Ibidem*), enquanto as taxas nacionais de alfabetização masculina e feminina não estavam diminuindo, as taxas de alfabetização nas cidades em crescimento não só aumentavam, como a disparidade entre as taxas masculina e feminina diminuía progressivamente.

No Rio de Janeiro, por exemplo, a taxa de alfabetização feminina comparada à masculina subiu de 29% feminina versus 41% masculina em 1872 a 44% feminina versus 58% masculina em 1890. O crescimento do número absoluto de mulheres alfabetizadas nos centros urbanos mais desenvolvidos forneceu um grande potencial para a eleição de professoras que podiam ser contratadas por salários inferiores. (HAHNER, 2011, p. 02).

A parcela feminina da população buscava maior nível de instrução e a Escola Normal tornou-se bastante procurada pelas jovens paulistas oriundas não apenas da classe média mas também das famílias mais abastadas do Estado por oferecer a oportunidade de prosseguimento de estudos. Para a admissão na escola, era exigida a verificação da idade, da saúde, da inteligência e personalidade, fato que demonstra a elitização do curso no período, nos rastros de uma política educacional bastante autoritária. Às moças era ainda exigida apresentação de autorização do pai ou do marido no ato da matrícula.

Apesar das expectativas alvissareiras da ordem e do progresso do final do século XIX e início do século XX, a higiene, a moralidade e religiosidade, a pureza, os ideais de preservação da raça, da sobrevivência social, estamparam no sexo feminino seu

emblema de manutenção da sociedade tradicional e as mulheres continuaram sendo submetidas a padrões comportamentais que serviram para impor barreiras à sua liberdade, autonomia e principalmente sobre a sexualidade.

Mary, apesar da liberdade que tinha por ser missionária, educadora, viajante, uma imigrante norte-americana no Brasil, reproduzia em muitas de suas missivas, e em várias ocasiões, um discurso de endosso da manutenção do *status quo* acerca do comportamento feminino ideal.

Na noite passada, estávamos tão desalmados que ficamos contentes com o anúncio de Mr. Schneider para Ella Kuhl de seu noivado com a “doce Alice”. Ele começou por pedir-lhe para mostrar a carta a todas as pessoas da missão, para que ninguém pudesse pensar que ele fosse culpado do rompimento de seu noivado com Mr. Ker. Então, aparentemente esquecendo o grande público que ele tinha atraído, agiu como um menino de 20 ou uma menina de 16, ou como num romance do tipo mais romântico! Eu não estou tão horrorizada com a diferença de idade entre eles, quanto com o caso romântico que aconteceu no Rio, de Miss Leslie, encontrar um affair, que vai se casar com o sorridente Willie Hentz, dentista, 5 anos mais jovem do que ela. A sensação hoje foi tremenda. Remigio declarou isto uma imoralidade! Guilherme da Costa ficou corado, de maneira bela, com a surpresa. Ele realmente tem um refinamento incomum – aquele garoto – ele só poderia mesmo servir para o trabalho! (GOLDMAN, 1961, p. 262).

Miss Dascomb, assim como outras educadoras tais quais Maria Guilhermina, Carlota Kemper e Elmira Kuhl, não se casou, o que, em grande medida, possibilitou-lhe maior dedicação ao trabalho. Essas quatro mulheres foram também consideradas excelentes professoras, detentoras de grande soma de conhecimentos, tanto em termos de uma cultura mais geral como em termos de métodos e processos pedagógicos avançados, o que não pode ser considerado comum para a época. Todas elas dirigiram escolas, escreveram e traduziram livros pedagógicos e lecionaram diversas disciplinas.

Nas cartas escritas por Mary Dascomb também encontramos muitos relatos da dificuldade que a escola tinha em conseguir bons professores e, principalmente, professores permanentes. Fosse pelo clima, condições sanitárias e de saúde, fosse pelos baixos salários e compensações oferecidas. No trecho a seguir, Mary comemora a chegada de quatro novas professoras e lamenta os casamentos prematuros que seriam outro problema para a contratação de docentes:

Nossa casa não vai estar animada com quatro jovens professoras! Mas as nossas professoras brasileiras estão se casando tão rápido que precisamos de professores permanentes. Nenhum dos nossos americanos tendem a ser permanentes (GOLDMAN, 1961, p. 355-356).

Em 1902, duas ex-alunas, Isabel Bickels e Isabel Withers, passaram a lecionar na escola. Segundo relatório, as jovens professoras vinham desenvolvendo um bom trabalho, reafirmando a importância de se manter na instituição a classe normal:

Ambas tem provado ser excelentes jovens professoras e têm pego mais responsabilidades do que se poderia esperar de moças de 16,17 anos: isto é uma recompensa por se educar meninas para professoras. Elas conhecem completamente o trabalho do 1º Primário até o 8º Secundário e em uma emergência, encaixam-se em quase todos os lugares (cf ABREU, 2003, Relatório Manuscrito de

1902).

Na carta de 22 de agosto de 1904: “Mas Luiza escreveu algo sobre a possibilidade de a Sra. Daniel Meriwether talvez ensinar na Escola. Ela era professora antes do casamento”. Com grandes dificuldades para compor o quadro docente, as missionárias solicitavam, frequentemente, o envio de mais professores para a escola de Curitiba. E em carta não datada, provavelmente escrita no início de 1906, Mary lamenta o casamento de uma de suas docentes: “Nossa charmosa professora Isabel Withers se casa este mês, Ai!”. Em se tratando da formação de professores e manutenção do quadro docente, o relatório de 1902 diz que um dos seus gargalos era o casamento precoce.

3 | EDUCANDO MENINOS E MENINAS

A Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 determinou: “Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias”. Neste mesmo dia e lei, ficam determinados os programas específicos para meninos e meninas:

Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.

De acordo com Barbanti (1977), a implementação dessas leis não garantiu o sucesso das instituições escolares, pois muitas vezes elas eram criadas, mas não providas com professores ou mesmo materiais. Ribeiro (2006) aponta que essa lei, ao mesmo tempo em que garantia às mulheres o direito à educação, instrumentalizou a discriminação, uma vez que estabelecia estudos distintos para cada sexo, sendo que as mulheres teriam o seu primário limitado às quatro operações no ensino de matemática, excluindo a geometria.

Em 1885, Mary Dascomb e Miss Kuhl imploravam por ajuda para a escola de São Paulo a fim de que pudessem se preparar para entrarem na grande província de Minas, onde viam possibilidades para o trabalho escolar. Três anos depois, no Décimo Oitavo Relatório Anual da Sociedade Missionária Estrangeira da Mulher da Igreja Presbiteriana – 1888, a Escola Americana de São Paulo continuava prosperando, sob os cuidados de Dascomb e Kuhl, que relata: “Agora é uma das mais antigas e mais bem estabelecidas escolas naquela cidade. Das trinta meninas que foram matriculadas

durante o ano, vinte e uma foram mantidas ou ajudadas por fundos da missão” (*THE WOMAN’S*, 1885).

Muitas meninas educadas na escola eram posteriormente encaminhadas para o trabalho. Em 1888, seis delas já trabalhavam, ensinando nas escolas em Caldas, Botucatu, Brotas, Sorocaba, e Rio de Janeiro, e no externato em São Paulo. Todas as alunas aprendiam trabalho doméstico, o que era bem aceito pelos agricultores, que sabiam que o processo de abolição da escravatura estava em curso e, conseqüentemente, achavam bom que suas filhas aprendessem a trabalhar. Corte e Costura foi adicionada à lista de afazeres, e as meninas ficaram entusiasmadas com ele (*THE WOMAN’S*, 1888).

No Relatório de 1908, nota-se que a conduta de algumas professoras refletia os preceitos de moral presbiteriana feminina oitocentista: “Algumas professoras abandonam o romance Iracema – do programma official – por julga-lo pouco conveniente à educação moral de meninas”.

O autor da obra, José de Alencar, ao ter como objeto de criação personagens femininas como Iracema, empenha-se magistralmente em delineá-las sob ótica dinâmica e diversa. Alencar mostra que o comportamento dessas personagens não se limita ao de uma mulher idealizada para os padrões morais e intelectuais daquela época, muito menos com os valores presentes nas famílias patriarcalistas.

Já para os meninos, as leituras e materiais didáticos teriam outro viés:

Em relação aos livros didacticos devemos preferir aquelles, cuja leitura amena, attrahente e entremeada de citações e factos relativos á educação civica despertem os sentimentos affectivos e forneçam uma cópia consideravel de uteis conhecimentos, que concorram para formação do character do menino, de modo a tornal-o um futuro cidadão, prestante á familia e á sociedade. Para satisfazer estas aspirações, é mister que a escola tenha uma organização compativel com os destinos do individuo e da sociedade em que vive, é mister que, além das disciplinas inherentes aos cursos primários, o menino conheça os principios fundamentaes da educação nacional, taes como – os direitos e deveres de cidadãos na hierarchia social, o respeito ás leis do paiz e á respectiva constituição, as regras da civilidade e os preceitos da moral, que exalçam os altruisticos sentimentos de amor á patria, á justiça, á verdade e inspiram os actos de philanthopia, benevolencia e caridade.

A exigência para com a conduta dos garotos aparece em algumas cartas onde Mary também cita, por exemplo, a criação de uma Escola de Artes e Ofícios para os meninos de rua em Curitiba:

Nós temos uma coisa fundamental por aqui – organizado por um homem moralmente sem valor. Uma Escola de Artes e Ofícios para os meninos de rua. A presença deles é estritamente controlada - eles aprendem a fazer coisas muito bem-feitas para eles mesmos e para vender - ao final de seus anos de atendimento eles recebem US\$ 600 para começar sua vida. Eles têm estudos, jogos e exercícios militares para variar o trabalho manual. Existe uma certa ajuda, mas é bom que o homem receba ajuda por um trabalho tão bom. Não nos falta, no entanto, de modo algum, moleques, grandes e pequenos. Nossos jornais publicam semanalmente, quase que diariamente, relatos de facadas e tiros, brigas e suicídios. Suponho que os Cinemas são os grandes culpados por esse estado de coisas (GOLDMAN, 1961, p. 355).

Segundo Barbanti (1977, p. 168), o método utilizado para a alfabetização na Escola Americana paulista era o intuitivo e as meninas eram estimuladas a desenvolverem habilidades manuais, de costura, desenho, como com a talagarça, um tecido encorpado sobre o qual se borda:

De 'modo inteiramente objetivo e oral': De permeio com leves trabalhos manuais – desenhos com talagarça para as meninas e material para composição para os meninos – começava-se a ler quase imperceptivelmente aprendendo-se o valor das letras e com elas compondo frases.

Mary defendia o trabalho manual como ferramenta para ocupar esses meninos e dar-lhes ensinamentos que poderiam servir como uma futura profissão:

Há também, um artigo de Jacob Riis sobre o modo de educar meninos - dar-lhes trabalho manual, especialmente algo como jardinagem, o que eu acho que devemos copiar do nosso bom Dr. Claudino dos Santos. Um homem aqui tem se saído muito bem em sua Escola de Aprendizes, de meninos de rua e isso poderia funcionar (GOLDMAN, 1961, p. 338).

Segundo Abreu (2003), havia diferença também para as alunas internas, a quem as missionárias procuravam ensinar alguns trabalhos domésticos:

Nós tentamos fazer sua educação a mais prática possível. Nós não podemos ensiná-las todo tipo de trabalho doméstico, como tampouco elas têm tempo para isso, mas todas fazem parte do trabalho doméstico. Nós dizemos: - “venha trabalhar” e não “vá trabalhar”. O espanador é um elemento em sua educação, assim como mapas e dicionários. Elas são ensinadas a fazer pão, a manter a casa em ordem, e algumas das mais velhas a fazer vestidos simples (ABREU, 2003, p. 88).

Para as alunas externas, a proposta era outra:

Primário A – Trabalhos – do Kindergarten; se for meninos grandes, nas classes ocupam-se com outros exercícios. As meninas maiores bordam em talagarça.

Primário B – Trabalhos – As meninas bordam em talagarça; os meninos ocupam-se em calligraphia e Arithmética.

Intermediário A – Trabalhos – Crochet, principalmente sapatinho, touquinhas, paletosinhos, capas e chalés de lã.

Intermediário B – Trabalhos – Diversos pontos de costura; casas de botões e bordados (ABREU, 2003, p. 88-89).

Apesar de dizer que chamava as meninas para o trabalho doméstico, Mary Dascomb não falava de si como uma mulher capacitada para tais afazeres, não se reconhecia como uma dama que atenderia aos anseios do patriarcado, mas por vezes relata os dotes e prendas de outras mulheres de sua rede. “Eu sinto muito que Fanny não esteja bem. Ela está sentindo dor? Ela consegue ler e tricotar?” (GOLDMAN, 1961, p. 277). E apesar de não ter filhos, Mary, do alto de sua experiência com a educação de outras crianças, acredita poder opinar sobre o comportamento de suas alunas e outras mulheres da missão:

Você já tem as meninas Kolb? Bonitas e agradáveis, em algumas coisas muito capazes. Elas se saíram bem nos estudos aqui. Ida é tão boa quanto se pode

ser. Nannie cozinha deliciosamente, faz maravilhas em corte e serve a família -, mas flerta pra valer (?) e seus pais piedosos não tem a menor ideia de tal coisa - a menina brinca e ri na hora da oração e seus pais não acreditam nisso! Se alguém critica suas crianças como a tão agradável como Brígida fez com João - pior para o crítico! (GOLDMAN, 1961, p. 305).

Em 1906, no mesmo sentido, afirmou:

Eu esperava que você e Fanny dessem um pulo aqui por uma semana ou duas e eu os mostraria o quão diferente são os nossos jovens - o tipo que você espera que as meninas imitem. Somente uma, alemã gorda tem algo do mesmo preconceito de todas as pessoas infelizes em casos de amor. Ela é o máximo (GOLDMAN, 1961, P. 313).

Em *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*, Daniela Auad discute a questão da escola mista relacionando-a com a ideia de coeducação substratificada na análise de práticas escolares e no debate contemporâneo relativamente ao tema, dialogando com estudiosas feministas que teorizam sobre a questão. Seu argumento central é o de que a escola mista pressupõe a coeducação, mas não é suficiente para a efetivação da mesma.

Segundo Auad (2006), a escola, através das suas práticas, pode constituir-se como um espaço privilegiado para o “aprendizado da separação” que discrimina meninos e meninas de forma a justificar desigualdades ou pode, ao contrário, promover transformações no sentido da igualdade a partir do respeito às diferenças. A autora chama atenção para a função privilegiada que a escola possui no que diz respeito à aprendizagem de papéis sociais e sexuais por parte dos alunos.

Para além dos meninos e meninas, a reta conduta moral dos docentes das Escolas Americanas também era importante para Mary Dascomb:

Você quer saber o que eu acho dos dois professores de Florianópolis?

São brilhantes e talentosos, mas não são o tipo que eu gosto de ter na escola. Há uma corrente social tremendamente forte aqui que muitas vezes envolve crianças dos 3 anos de idade para cima. Não desejo que nossas meninas altas que estão entrando na adolescência tenham este estilo de professor. Alguns vão a bailes e teatros, ocasionalmente, mas são em geral sérios e dignos (GOLDMAN, 1961 p. 308).

O excerto levado a destaque parece sugerir que os professores em comento frequentariam espaços públicos ajuizados como de índole no mínimo questionáveis e teriam uma vida social que incluiria eventos não religiosos.

4 | CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso às Escolas Americanas era permitido a despeito de origem, credo, raça e ideologia para que se pudesse atingir o maior número possível de pessoas. A educação, neste contexto, era vista como uma missão, uma vocação religiosa, como no caso da missionária e educadora Mary Dascomb.

O ideal de mãe educadora permeava os debates em torno da emancipação

feminina no final do XIX e início do XX. A feminização do magistério, dessarte, trouxe uma nova configuração para a emancipação da mulher, um espaço permitido, por ser semelhante: a mãe que educa seu filho poderia também educar outras crianças.

Apesar da possibilidade de emancipação esbarrar na perspectiva tradicional de contração do matrimônio por parte da mulher, muitas, como apresentado, mantinham-se nesse propósito, dificultando, inclusive, a manutenção de docentes nas Escolas Americanas. No entanto, se antes a possibilidade de futuro estava no casamento, tendo o homem como provedor e protetor, nesta nova configuração, mulheres que adotavam a profissão de professoras tinham a possibilidade de optarem por ficarem solteiras. Mary Dascomb fez uma escolha pela inuptividade e a partir de suas cartas percebe-se o quanto a escola preencheu seu tempo, sua vida.

Miss Dascomb, uma mulher pública, que dedicou a maior parte da sua vida a educação brasileira. Sua prática docente, sua formação e pedagogia renovadora trazida de sua pátria e difundida aqui nas Escolas Americanas onde trabalhou, sua capacidade de intervir no debate educacional de sua época, de divulgar, ensinar por meio de seus materiais de estudo, sendo reconhecida pelo Conselho da Missão nos Estados Unidos como nome fundamental, é um legado sem o qual não se poderia escrever a história da educação protestante no Brasil.

Dascomb, assim como outras viajantes, tinha uma grande capacidade de observação, que ultrapassou as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentara. Suas cartas, relatórios e escritos em geral eram ricos em detalhes e forneciam inúmeros relatos e informações sobre sua vida, seu trabalho, sobre sua rede de pertencimento.

Ela desempenhou seu trabalho como sujeito posicionado, com as contradições típicas da natureza humana independentes de tempo histórico, participando de esquemas de percepções e de um horizonte de expectativas que deram sentido às suas escolhas e às apropriações que realizou. Mary experimentou, assim como outras missionárias norte-americanas que vieram para o Brasil, maior liberdade de movimento, desfrutava de certo prestígio assentado no reconhecimento social e legitimidade.

Nas “tramas” de sua história, separou-se de sua família para trabalhar no Brasil, em diferentes cidades. Conheceu outros mundos, apropriou-se de um projeto de educação e civilização e os fez circular. A missivista utilizava suas correspondências como instrumento de aproximação, de sociabilidade buscada numa relação estreita de intimidade e respeito com seu interlocutor.

As cartas traduzidas para este trabalho, trocadas entre um homem e uma mulher, ambos americanos, não são de amor. Uma mulher solteira que durante vinte e seis anos se correspondeu com um homem, sem que dentre as 193 cartas as quais teve acesso a pesquisadora que agora publica este artigo – escritas em inglês arcaico e pessoalmente traduzidas – ficasse evidente qualquer relação afetiva/sexual, apenas de trabalho.

Não obstante, sua obra também relata o quanto estimava o modelo ideal de

mulher e, repetidas vezes, reproduzia-o, de sorte que, apesar do método inovador e da excelente estrutura física para a época, suas alunas seguissem de modo austero a restritiva educação desejada para não se contaminarem com leituras reputadas inadequadas, por exemplo.

Trabalhos manuais como o crochê e a talagarça eram exaltados como essenciais para meninas. O currículo diferente para meninos e meninas evidenciava o que ainda é experienciado nos espaços escolares deste primeiro vintênio do século XX: um modelo de comportamentos e habilidades definidos não a partir do desempenho individual, mas das perspectivas definidas socialmente para cada gênero.

REFERÊNCIAS

- ABREU, G. **Escola Americana de Curitiba (1892-1934): um estudo do americanismo na cultura escolar**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ALVAREZ, S. E. A política e o político na tessitura dos movimentos feministas no Brasil e na América Latina. In: GONCALVES, E. **Desigualdades de gênero no Brasil: reflexões e experiências**. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, 2004.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. Lei Imperial de 15 de outubro de 1827. **Manda criar escolas de primeiras letras**. Coleção das Leis do Império do Brasil (1808-1889). Portal da Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro – RJ, out 2017.
- CARVALHO, M. P. Gênero e trabalho docente: em busca de um referencial teórico. In: BRUSCHINI, C; HOLLANDA, H.B. (orgs.). **Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: FCC. São Paulo: Ed. 34, 1998a.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. **A Invenção do cotidiano**. I: Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOLDMAN, Frank. As Cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Lane (1886-1907). In: **ANAIS do Museu Paulista**. São Paulo, 1961. T. 15.
- HAHNER, June E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 19, nº 2, Mai/Ago 2011.
- [BARBANTI] HILSDORF, M. L. S. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens**. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.
- HILSDORF, M. L. S. **História da educação: Leituras**. São Paulo: PioneiraThompson, 2003.
- _____. Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. **Revista de Educação do Cogeime**. Ano 11, nº 20, junho/ 2002, p. 93-98.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e Educação Protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo/Juiz de Fora: Editeo; UFJF, 1994.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **A Pedagogia dos Catecismos Protestantes no Brasil Católico**. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2M3uej6>. Acessado em 10 mai. 2012.

RELATÓRIO apresentado ao Governador do Estado do Paraná pelo Engenheiro Candido Ferreira de Abreu, Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas e Colonisação, 1892.

RELATÓRIO apresentado ao Ex.^{mo} SNR. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Parana', por Caetano Alberto Munhoz, Secretario dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, em 29 de Setembro de 1894.

RELATÓRIO apresentado ao Exm. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná, pelo Coronel Luiz Antonio Xavier, Secratrrio d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, 1908.

RIBEIRO, A. I. M. **A Educação Feminina durante o século XIX: O Colégio de Florence de Campinas 1863-1889**. Campinas: UNICAMP/CMU, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. p. 15-42.

XV THE WOMAN'S Foreign Missionary Society of the Presbyterian Church, 1885.

XVIII THE WOMAN'S Foreign Missionary Society of the Presbyterian Church, 1888.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-293-7



9 788572 472937